

UMA PROPOSTA DE CARACTERIZAÇÃO DO MODO HETEROGÊNEO DE CONSTITUIÇÃO DA ESCRITA ¹

Manoel Luiz Gonçalves CORRÊA

RESUMO *Este trabalho trata da caracterização de um modo heterogêneo de constituição da escrita. A questão central abordada é a da atuação da imagem que o escrevente faz da escrita na construção do texto. Um passo importante dessa caracterização é a fixação de uma metodologia de trabalho a partir da criação de um espaço de observação que postula a circulação dialógica do escrevente por três eixos de representação da escrita: o da imagem que o escrevente faz da gênese da (sua) escrita, o da imagem que o escrevente faz do código escrito institucionalizado e o da representação que o escrevente faz da escrita em sua dialogia com o já falado/escrito. Ainda nesse momento de fixação de uma metodologia, é adotado um modo particular de olhar para os textos, a saber, o do paradigma indiciário, tomado como base para investigação de pistas, regularidades e propriedades lingüísticas dos textos analisados. O funcionamento desse modo heterogêneo de constituição da escrita permite problematizar tanto a visão que considera esse modo heterogêneo como interferência do oral no escrito, como a visão que o considera apenas como produto da retomada de modelos de escrita institucionalizados.*

ABSTRACT *The proposal of this study is to point out the features of a heterogeneous way of writing organization. The main question approached is the one which concerns the image performance which the "writer" makes of the writing in the text construction. An important step of it is the establishment of a work methodology from the creation of an observation space that postulates the dialogistic circulation of the "writer" through three axis of writing representation: the one of the image which the "writer" makes of the genesis of his writing, the one that the "writer" makes of instituted written code and the one of the representation which the "writer" makes of the writing in its (and in his) dialogy with what has been already spoken/written. Yet, at this establishing methodology moment, it is adopted a particular way of analyzing the texts; namely the clue paradigm, taken as basis for investigations of linguistic cues, regularities and properties of the analyzed texts. How this heterogeneous way of writing organization works allows the questioning of either the view which considers this heterogeneous way*

¹ Texto resultante da Tese de Doutorado apresentada ao Curso de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem, da Unicamp, no dia 24 de março de 1997, sob a orientação da Prof. Dr^a. Maria Bernadete Marques Abaurre.

as an interference of the oral into the written language or the one which considers only the product of the reproduction of the instituted writing models.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, estudamos a produção escrita de vestibulandos com uma dupla preocupação: (a) abordar a relação oralidade/escrita; e (b) observar como se dá essa relação a partir de uma outra, a saber, a relação entre sujeito/linguagem.

O *corpus* para análise foi constituído por um conjunto de oitenta e três dissertações do vestibular/1992, realizado em 01/12/1991. O *corpus* contempla, em termos de notas obtidas, um leque de dissertações que cobre todo o espectro do aproveitamento, desde textos anulados por inadequação ao tema, ao tipo de texto ou à coletânea² até textos avaliados com nota máxima. Ao mesmo tempo, de modo a refletir a tendência estatística que a prova apresentou, o *corpus* estabelecido reúne um número maior de redações com avaliações em torno de um aproveitamento médio.

NOÇÕES TEÓRICAS BÁSICAS E METODOLOGIA

Na busca de uma fundamentação teórica para a conceituação do modo heterogêneo de constituição da escrita, partimos da afirmação de Marcuschi (1995) de que as relações entre letramento/oralidade e fala/escrita são “*fenômenos de fala e escrita enquanto relação entre fatos lingüísticos (relação fala x escrita) e enquanto relação entre práticas sociais (oralidade/letramento)*” (*op. cit.*: 11). Propusemos, então, uma aproximação entre as práticas sociais do oral/letrado e os fatos lingüísticos do falado/escrito, tomando ambos os grupos de fenômenos como práticas sociais intimamente relacionadas e que compõem, por um lado, as práticas do oral/falado, e, por outro, as do letrado/escrito.

No que se refere à relação entre oralidade e escrita, entre assumir a dicotomia radical entre as práticas do oral/falado e do letrado/escrito - posição defendida, entre outros, por Goody (1979) e por Olson (1977) - e tomá-la apenas como recurso metodológico - posição defendida, entre outros, por Tannen (1982), Chafe (1982, 1985), Biber (1988), Marcuschi (*op. cit.*) - ficamos com a segunda opção.

Adotando apenas uma dicotomização metodológica entre as práticas do oral/falado e do letrado/escrito, conduzimos nossa busca de encontros entre essas práticas já a partir do seus materiais significantes, como o gesto articulatório e o gesto traduzido graficamente em ritmo da escrita - posição defendida por Abaurre (1991) e Chacon (1996). Baseados em Abaurre *et al.* (1995), assumimos a escrita como processo e não

² O vestibular apresenta, no momento da prova, uma coletânea de textos que deve servir como ponto de partida para a escolha de fatos e argumentos a serem utilizados no desenvolvimento do tema da redação. Na proposta de prova, o vestibulando é alertado para o fato de que os textos da coletânea “*não representam a opinião da banca examinadora*” e de que não devem ser simplesmente copiados. A não utilização da coletânea leva à anulação da redação.

como produto - visão ligada à dicotomia radical - buscando, nesse processo, a relação entre sujeito/linguagem. Considerada, portanto, em seu processo de produção, buscamos não a oposição entre oralidade e escrita, mas - ainda baseados em Abaurre *et al.* - a relação sujeito/linguagem, vista na atividade dos escreventes.

No interior desse contorno teórico, conceituamos o modo heterogêneo de constituição da escrita como o encontro entre práticas sociais, considerada a dialogia com o já falado/escrito. Como base nessa conceituação, consideramos a imagem que o escrevente faz da escrita, tomada como parte de um imaginário socialmente partilhado sobre a escrita.

No que se refere ao tratamento metodológico, propusemos duas intervenções metodológicas principais. A primeira intervenção consistiu na proposição de três eixos de circulação imaginária do escrevente como lugar de observação, a saber: o eixo da imagem que o escrevente faz sobre a gênese da escrita; o eixo da imagem que o escrevente faz do código escrito institucionalizado; e o eixo da dialogia com o já falado/escrito.

Atuando de modo simultâneo, esses três eixos permitem uma abordagem qualitativa da relação sujeito/linguagem - nossa segunda intervenção metodológica. Esse fato, diretamente relacionado com o tratamento da relação oral/letrado e falado/escrito como práticas sociais, sujeitas, portanto, à convivência e não à dicotomia radical entre produtos independentes e autônomos, permitiu que optássemos pela consideração de pistas lingüísticas da relação sujeito/linguagem deixadas pelos escreventes e não pela consideração de categorias lingüísticas universalmente reaplicáveis. Daí a razão de conduzirmos a análise segundo o chamado "*paradigma indiciário*" - outro importante passo metodológico, decorrente dos dois primeiros.

Para a localização da análise no paradigma indiciário [cf. Ginzburg (1991), Caprettini (1991), Abaurre (1994, 1996) e Abaurre et al. (s/d, 1995)] recorreremos à consideração da propriedade dialógica da linguagem, a partir da qual pudemos estabelecer as pistas como "*fragmentos informes ou restritos a uma função de índices de esquemas interacionais*" (Lemos, 1986:243). Esses fragmentos indiciativos de interação determinaram, pois, a definição das pistas lingüísticas relativas a cada um dos eixos propostos. O acesso a essas pistas foi baseado, ainda, na idéia da individuação. Em outras palavras, essas pistas foram tomadas como fatos individuais porque são individuídos, no sentido proposto por Veyne (1983:46-7). Trata-se, portanto, em nosso caso, de uma busca das especificidades dessa prática escrita. Ou, para utilizar uma outra formulação de Veyne (1971), trata-se de buscar não a individualidade dos eventos em si, mas de "*compreendê-los, isto é, encontrar neles um tipo de generalidade*", compreensão por meio da qual se pode passar "*da singularidade individual à especificidade, isto é, ao indivíduo como inteligível (é por isso que 'específico' quer dizer ao mesmo tempo 'geral' e 'particular')*" (op. cit.: 48).

Em cada um dos três eixos propostos, as pistas lingüísticas foram buscadas nas várias dimensões da linguagem (caso dos dois primeiros eixos) ou nos chamados *pontos de heterogeneidade* (caso do terceiro eixo). Detectadas essas pistas, recusamos o seu tratamento como regularidades freqüenciais e optamos por enquadrá-las em regularidades tomadas como espaços de representação comuns aos escreventes.

Finalmente, a partir dessas regularidades, buscamos chegar a propriedades gerais para cada eixo.

A REPRESENTAÇÃO DA GÊNESE DA ESCRITA E A REPRESENTAÇÃO DO CÓDIGO ESCRITO INSTITUCIONALIZADO

Entre as implicações teóricas da consideração do primeiro eixo - o da representação da gênese da escrita, vale destacar que não tomamos a gênese da escrita como origem, isto é, não como um acontecimento datado, num indivíduo fonte, num texto determinado, mas como possibilidades de recomeços a partir da representação do escrevente sobre a escrita. Baseamo-nos, para tanto, no que diz Verón a respeito da emergência das práticas científicas: *“impõe-se, antes de mais nada, distinguir a questão do que se pode chamar uma fundação da questão do começo (...) A noção de fundação não se aplica apenas ao momento de emergência.”* (idem id.: 118).

Para esse primeiro eixo, as pistas lingüísticas foram agrupadas em regularidades de acordo com várias dimensões da linguagem: sintaxe, prosódia, léxico, organização textual e recursos argumentativos. Em cada uma dessas dimensões, portanto, foi possível detectar as marcas da imagem que o escrevente faz da gênese da escrita.

Limitaremos nossa exposição (e de forma bastante sintética), ao recurso argumentativo da enumeração, regularidade em que reunimos um dos tipos de pista pelos quais o escrevente circula pelo imaginário que faz da gênese da escrita:

(1) “É aí também o ponto em (sic) podemos concluir, se para conseguir a solução desejada há um caminho muito longo e cheio de **obstáculos, dúvidas, preconceitos, politicagem etc. ...** e nos deixa um lembrete um tanto que assustador.”

É interessante observar, no caso da enumeração, como o escrevente joga com o caráter par da conversação que supõe reproduzida em seu texto. A participação do interlocutor na construção do texto do escrevente vem marcada pelo cruzamento entre assunto e interlocutor. A seleção de fatos e argumentos e a emissão de opiniões a partir da coletânea de textos feitas pelo escrevente está ligada à imagem que o escrevente faz de seu interlocutor e a esse fato se deve grande parte das escolhas que faz.

A enumeração aparece, portanto, ao mesmo tempo, como uma construção sintática econômica - pois facilita a justaposição linear de aspectos temáticos julgados relevantes pelo escrevente - e como um espaço de interpelação do interlocutor - já que, na linearização de vários aspectos sobre o tema, aumentam as chances de o interlocutor ter contemplada uma opinião pessoal sobre o tema.

No entanto, se esse é o funcionamento argumentativo da enumeração, cabe ressaltar que ele está ligado, no tipo de texto estudado, ao modo participativo de construção do discurso. O escrevente constrói essa participação no tempo da constituição de seu texto e a projeta no texto escrito, sem, no entanto, considerar a falta dos matizes entonacionais e paralingüísticos - necessários à justaposição de aspectos às

vezes díspares - que supõe nele plasmados. Esse é, pois, um recurso argumentativo que denuncia a circulação do escrevente pela representação da gênese da (sua) escrita.

No que se refere às implicações teóricas da consideração do segundo eixo - o da imagem que o escrevente faz do código escrito institucionalizado - destacam-se quatro constatações importantes: (a) a da identificação entre escrita e língua e a conseqüente uniformização da língua - constatação de um poder político na uniformização da língua pela escrita; (b) a da relação entre escrita e planificação, que, baseada na prioridade social atribuída à escrita, traduz-se na constatação de um poder burocrático pela via da planificação; (c) a da presença do produto escrito no processo de escrever e a conseqüente homogeneização do sujeito - constatação de um poder de recalque; e (d) a da não-percepção, por parte do escrevente, da relevância social da escrita e de um conseqüente restrito espaço de participação que o escrevente se atribui no desenvolvimento de sua escrita - constatação de um poder pedagógico, envolvendo a reprodução da imagem que a escola passa sobre a escrita como produto autônomo, supostamente isento da necessidade de participação do escrevente.

Também para esse segundo eixo, as pistas lingüísticas foram agrupadas em regularidades de acordo com várias dimensões da linguagem: sintaxe, prosódia, léxico, organização textual e recursos argumentativos. Limitaremos a exposição deste eixo ao recurso argumentativo da **tentativa de construção de um caráter analítico para o texto**, regularidade em torno da qual reunimos as pistas lingüísticas desse tipo de tratamento dado ao texto quando o escrevente circula pela imagem que faz do código escrito institucionalizado:

(2) **“Dentre as inúmeras faces da violência**, uma tem deixado perplexas milhares de pessoas... (...)

“Argumentam alguns que isso se deve a fatores sociais, à condição de miséria e fome a que são submetidos os menos privilegiados. **Por outro lado, tem-se constatado** a presença cada vez maior de elementos das classes mais abastadas nessas brigas - **o que evidencia** que podem haver outros motivos para tais confrontos.”

Em (2), podem-se notar certas *saliências*, que, por um efeito “*metadiscursivo*”³, auxiliam na detecção desses indícios. É preciso - como lembra Abaurre (1994) ao estudar a escrita infantil - que privilegiemos para a observação aqueles “*aspectos relativos à modalidade escrita da língua que adquirem saliência (...), em diferentes momentos e pelos mais variados motivos*” (*op.cit.*: 6).

No exemplo dado, após reconhecer a existência de “várias faces da violência”, o escrevente sinaliza na direção de uma contraposição de vozes que marca, de um lado, como “argumentam alguns...” e explícita, por meio da própria expressão, o “outro lado”, no qual - mais uma vez sinaliza o escrevente - “tem-se constatado...”. Ao final, conclui,

³ O conceito de *saliência*, tomado de Abaurre, tem a ver com o efeito metadiscursivo da indicição feita pelo escrevente. Segundo Maingueneau (1989), “*em um enunciado, nem tudo é produzido sobre a mesma frequência de onda: o dito é constantemente atravessável por um metadiscorso mais ou menos visível que manifesta um trabalho de ajustamento dos termos a um código de referência*” (*op. cit.*: 93).

a partir dessa contraposição, com um outro indício de sua preocupação analítica: “o que evidencia...”.

Como vemos, a argumentação cerrada que caracteriza o texto dissertativo impõe aos escreventes um conjunto de marcas de uma abordagem analítica do tema. É verdade que, no decorrer do texto, nem sempre o escrevente é consistente com esse tipo de abordagem. Podemos mesmo dizer que é raro que essa consistência seja integralmente mantida. No entanto, importa detectar não a realização consistente de uma abordagem analítica, mas o descompasso entre o que o escrevente teria efetivamente a dizer (nem sempre muito claramente recuperável) e o que ele adapta ao modo analítico de escrita que atribui à instituição que o avalia. Dito de outro modo, esse descompasso é o que permite que essas vozes deixem-se escutar.

Acreditamos que essa sobreposição de vozes revela, no caso, uma expectativa de alçamento por parte do escrevente. É a imagem da instituição na qual ele se candidata a ingressar e a do interlocutor que, para esse mesmo fim, ele representa em seu texto, que se sobrepõem à voz do escrevente para denunciar o modo particular que ele representa o código escrito institucionalizado. Ao mesmo tempo, a inconsistência em relação ao aspecto analítico almejado revela que o escrevente enuncia a partir de um modo heterogêneo (no caso, sob um efeito polifônico específico) de constituição da escrita. A maneira mais clara de checarmos essa inconsistência é a oposição, no próprio enunciado do escrevente, entre o que já é mais ou menos previsível ou estereotipado (e que, por isso, vem para o texto por meio de um simples jogo mnemotécnico) e o que deve ser construído pelo escrevente (e que, portanto, depende de um outro tipo de recorrência à memória).

A REPRESENTAÇÃO DA DIALOGIA COM O JÁ FALADO/ESCRITO

São várias as implicações teóricas da consideração deste terceiro eixo de circulação imaginária do escrevente. Em primeiro lugar, é um modo de evitar o tratamento da escrita como representação (do mundo ou do falado) para pensar na representação que o escrevente faz da escrita. É, ainda, um modo de evitar, ao mesmo tempo, o tratamento da representação da gênese como simples interferência da oralidade na escrita - note-se que considerar algo como interferente é, necessariamente, considerá-lo como não constitutivo da escrita - e o tratamento da representação do código institucionalizado como simples reprodução de modelos - note-se que admitir a simples reprodução é admitir que algo se projeta também de fora e, portanto, também com um caráter não constitutivo. A proposição desse terceiro eixo permite, pois, descartar, nesses dois sentidos, a visão da escrita como autônoma.

No que se refere a sua especificidade em relação aos outros eixos, destaca-se o fato de que ele está ligado a uma dimensão constitutiva da linguagem em geral - a dialogia - e, portanto, constitutiva da escrita, enquanto os outros dois eixos, embora constitutivos, são parâmetros mais ou menos difusos em que o escrevente se baseia no processo dinâmico de textualização pela escrita. Além de estar na constituição da escrita pela necessária relação com outros textos, define-se também pelo fato de marcar as chamadas

“zonas de contato” (Authier-Revuz, 1990:31) com o que o escrevente representa como a sua exterioridade. Portanto, este eixo está na base da constituição da escrita e do próprio sujeito escrevente.

Tendo em vista essa sua especificidade, atribuímos ao eixo da dialogia com o já falado/escrito um duplo papel: o de possibilitar a alternância entre os eixos e o de ser ele mesmo um eixo de circulação, ligado ao tipo de leitura que o escrevente produz. Esta sua ligação com a leitura permite que recusemos a atribuição de supostos problemas no texto à simples falta de leitura do escrevente. Portanto, ao lado da clássica localização desses supostos problemas às questões da interferência da oralidade e da reprodução de modelos (ambas já comentadas acima), podemos acrescentar a recusa do critério da simples falta de leitura como parâmetro de avaliação.

Para esse terceiro eixo, as pistas lingüísticas foram agrupadas em regularidades de acordo com *pontos de heterogeneidade*: um outro enunciador, a língua, um outro registro, o leitor, as citações da coletânea e do próprio texto. Enquanto marcas do processo de leitura do escrevente, delimitam o território do sujeito e de seu discurso como resultado do modo pelo qual o escrevente lida com o que lê, registrando o encontro mais ou menos previsível, mais ou menos aleatório das práticas do oral/falado e do letrado/escrito em que se inclui. Em cada um desses *pontos de heterogeneidade* foi possível, portanto, detectar não só um tipo de leitura, como também a flutuação do escrevente em relação àquelas práticas, em nosso trabalho representadas pelos dois primeiros eixos de circulação.

Limitaremos nossa exposição à utilização da coletânea de textos por parte do escrevente. As pistas que o texto fornece são bastante eloqüentes no que se refere ao tipo de apropriação do material proposto na coletânea. É, na verdade, o universo muito particular da história pessoal do escrevente que parece estar contando na representação por ele procurada e relacionada especificamente com o já falado/escrito. Reunimos esse tipo de pista na *regularidade* a que chamamos *remissão por tentativa de paráfrase com adaptação ao conhecimento do escrevente*. Observemos o que acontece na explicação que segue a expressão “*grupos de ruas*”, retomada da coletânea:

(3) “...desde **grupos de ruas**, os famosos trombadinhas, até...”

Vale lembrar que, na época desse vestibular, apenas começavam a ser noticiadas em veículos menos especializados - ao contrário da circulação de fanzines especializados, ligados a diferentes grupos de jovens - a atuação das “tribos urbanas”, fato que parece ter criado uma dificuldade adicional para a atribuição de um sentido preciso a essa expressão. A interpretação desliza, portanto, por uma série parafrástica do universo de representação do escrevente, levando-o a identificar “*grupos de ruas*” (ou “tribos urbanas”) com “*os famosos trombadinhas*”, dado de realidade bastante presente nos jornais de maior circulação, bem como na TV. A anteposição do adjetivo “*famosos*” mostra o efeito expressivo buscado: tentativa de dar uma margem de obviedade à explicação (embora incerta) dada a “*grupos de ruas*” e, ao mesmo tempo, de ampará-la no já falado/escrito sobre o assunto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das regularidades obtidas quanto à imagem que o escrevente faz da gênese da escrita, pudemos estabelecer, como propriedades desse primeiro eixo, a fragmentação e o envolvimento [termos que tomamos de Chafe (1982)]. Vale lembrar que essas propriedades convivem com outras relativas aos outros eixos e que, em particular, ao falarmos de fragmentação, não estamos fazendo uma apreciação negativa do texto.

Por sua vez, a partir das regularidades obtidas quanto à imagem que o escrevente faz do código escrito institucionalizado, chegamos às propriedades da integração e do distanciamento [termos também tomados de Chafe (idem)].

Finalmente, no que se refere às regularidades obtidas quanto à imagem que o escrevente faz da dialogia com o já falado/escrito, reunimos todas essas remissões na propriedade da heterogeneidade.

Considerada a convivência entre as três propriedades, podemos dizer que, ao mesmo tempo em que o fragmentário e o integrativo dos dois primeiros eixos têm a ver com o modo de organização do texto e das estruturas que o sustentam, podem também ser vistos como a alternância fragmentário-integrativo relacionada à constituição do sujeito e de seu discurso. Neste último sentido, são propriedades inseparáveis e corroboram a proposição de um modo heterogêneo de constituição da escrita à medida que o sujeito se insere alternadamente nas práticas sociais do oral/falado e do letrado/escrito.

Desse modo, o modo heterogêneo de constituição da escrita baseia-se na existência sócio-histórica da linguagem, a partir da qual se pode observar o cruzamento entre as práticas orais/faladas e letradas/escritas. A heterogeneidade que constituiu o sujeito e seu discurso e a representação que ele faz da escrita orientam o processo de textualização do escrevente, fato que permite detectar o movimento do escrevente em torno de seu imaginário sobre a escrita, aqui tomado como lugar para observação dos textos analisados. As pistas lingüísticas deixadas por essa circulação do escrevente são variadas e, até certo ponto, imprevisíveis, mas as regularidades se deixam estabelecer em função de pontos de individuação histórica do sujeito, fato que permitiu estabelecer propriedades para cada um dos eixos.

A descrição do modo heterogêneo de constituição da escrita contribui para encarar com naturalidade a heterogeneidade dos textos, em lugar de simplesmente tachá-los como submetidos à interferência da oralidade, como reprodutores de modelos ou, ainda, como denotando falta de leitura do escrevente. Essa descrição recusa, portanto, o preconceito com relação às produções menos integradas à chamada “boa escrita”, permitindo reintroduzir um outro discurso sobre a escrita, especialmente na prática pedagógica. Pode, ainda, ser estendida para outros gêneros e outras situações de uso, bem como ser utilizada em outras áreas de conhecimento, como, por exemplo, na chamada Comunicação Social.

BIBLIOGRAFIA

- ABAURRE, M. B. M. (1989) **Oral and written texts: beyond the descriptive illusion of similarities and differences.** [s.l.: s.n.].
- _____. (1990 a) **Linguística e psicopedagogia.** In: SCOZ, B.J.L. et al. (orgs.) **Psicopedagogia: o caráter interdisciplinar na formação e atuação profissional.** Irempr. Porto Alegre (RS): Artes Médicas, p. 186-216.
- _____. (1990 b) **Língua oral, língua escrita: interessam à Linguística, os dados da aquisição da representação escrita da linguagem?** In: IX CONGRESSO INTERNACIONAL DA ALFAL. **Anais ...** [s.l.]. p. 1-16.
- _____. (1991) **Ritmi dell'oralità e ritmi della scrittura.** In: ORSOLINI, M. & PONTECORVO, C. **La costruzione del testo scritto nei bambini.** Roma: La Nuova Italia.
- _____. (1994) **Indícios das primeiras operações de reelaboração nos textos infantis.** In: SEMINÁRIO DO GRUPO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO ESTADO DE SÃO PAULO, 41. **Estudos Lingüísticos XXIII, Anais de Seminários do GEL**, v. 1. São Paulo. p. 1-6.
- _____. (1996) **Os estudos lingüísticos e a aquisição da escrita.** In: CASTRO, M.F.P. de (org.) **O método e o dado no estudo da linguagem.** Campinas (SP): Edit. da UNICAMP, p. 111-163.]
- ABAURRE, M. B. M. et al [s/d] **A relevância teórica dos dados singulares na aquisição da linguagem escrita.** Campinas (SP): Instituto de Estudos da Linguagem - UNICAMP (Projeto Integrado de Pesquisa - CNPq).
- _____. (1995) **Considerações sobre a utilização de um paradigma indiciário na análise de episódios de refacção textual.** **Trabalhos em Lingüística Aplicada 25.** Campinas (SP): IEL/UNICAMP, p. 5-33.
- AUTHIER-REVUZ, J. (1990) **Heterogeneidade(s) enunciativa(s).** **Cadernos de Estudos Lingüístico.** Campinas (SP), v. 19, p. 25-42.
- BAKHTIN, M. (Volochinov, V. N.) (1979) **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem.** São Paulo: HUCITEC.
- _____. (1992) **Estética da criação verbal.** São Paulo: Martins Fontes.
- BARROS, D. L. P. DE & FIORIN, J.L. (orgs.) (1994) **Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Bakhtin.** São Paulo: EDUSP, p. 1-9.
- BERRUTO, G. (1974) **La sociolinguística.** Bologna: Zanichelli Editore.
- BIBER, D. (1988) **Variation across speech and writing.** Cambridge: Cambridge University Press.
- CAGLIARI, L. C. (1992) **Da importância da prosódia na descrição de fatos gramaticais.** In: ILARI, R. (org.) **Gramática do português falado.** Campinas (SP): Ed. da UNICAMP. p. 39-64.
- CAMACHO, R. G. (1988) **A variação lingüística.** In: SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Educação. **Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. Subsídios à proposta curricular de língua portuguesa para o 1º e 2º graus.** São Paulo: SE/CENP, v. 3, p. 29-41.
- CASTILHO, A. T. DE (1988) **Variação lingüística, norma culta e ensino da língua materna.** In: SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Educação. **Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. Subsídios à proposta curricular de língua portuguesa para o 1º e 2º graus.** São Paulo: SE/CENP, v. 3, p. 53-59.
- CASTILHO, A. T. DE e CASTILHO, C. M. M. (1992) **Advérbios modalizadores.** In: ILARI, R. (org.) **Gramática do português falado.** Campinas (SP): Ed. da UNICAMP. p. 213-260.
- CAPRETTINI, G. P. (1991) **Peirce, Holmes, Popper.** In: Eco, U. & SEBEOK, T. A. (orgs.) **O signo de três: Dupin, Holmes, Peirce.** São Paulo: Perspectiva.

- CHACON, L. (1996) **Ritmo da escrita: uma organização do heterogêneo da linguagem**. Campinas (SP). Tese (Doutorado em Lingüística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.
- CHAFE, W. L. (1982) Intregation and involvement in speaking, writing, and oral literature. In: TANNEN, D. (org.) **Spoken and written language: exploring orality and literacy**. Norwood (NJ): Ablex. p. 35-53.
- _____. (1985) Linguistic differences produced by differences between speaking and writing. In: OLSON, D. R. & al. (orgs.) **Literacy, language, and learning: the nature and consequences of reading and writing**. Cambridge: Cambridge University Press. p. 105-123.
- GERALDI, J. W. (org.) (1984) **O texto na sala de aula: leitura e produção**. 8.ed. Cascavel (PR): ASSOESTE.
- _____. (1996) **Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação**. Campinas (SP): Mercado de Letras - ALB.
- GINZBURG, C. (1989) **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras.
- _____. (1991) Chaves do mistério: Morelli, Freud e Sherlock Holmes. In: ECO, U. & SEBEOK, T. A. (orgs.) **O signo de três: Dupin, Holmes, Peirce**. São Paulo: Perspectiva.
- GNERRE, M. (1985) **Linguagem, escrita e poder**. São Paulo: Martins Fontes.
- GOODY, J. (1979) **La raison graphique: la domestication de la pensée sauvage**. Paris: Minuit.
- LEMOES, C. T. G. de (1986) Interacionismo e aquisição de linguagem. **D.E.L.T.A.** São Paulo, v. 2, n. 2, p. 231-248.
- _____. (1988) Coerção e criatividade na produção do discurso escrito em contexto escolar: algumas reflexões. In: SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. **Subsídios à proposta curricular de língua portuguesa para o 1º e 2º graus**. São Paulo: SE/CENP, v. 3, p. 71-7.
- LÉVY, P. (1993) **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: Ed. 34.
- LURIA, A. R. (1988) O desenvolvimento da escrita na criança. In: VIGOTSKII, L. S. et al. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone/EDUSP. p. 143-189.
- MAINGUENEAU, D. (1989) **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas (SP): Pontes/Ed. da UNICAMP.
- MARCUSCHI, L. A. (1986) **Análise da conversação**. São Paulo: Ática.
- _____. (1994) Premissas para um tratamento adequado da oralidade e da heterogeneidade lingüística no ensino de língua materna. In: _____. **O tratamento da oralidade no ensino de língua (em preparação)**, [s.l.], p. 1-14 (xerox).
- _____. (1995) **Oralidade e escrita**. (Texto da Conferência pronunciada no I Colóquio franco-brasileiro sobre linguagem e educação. UFRN, 26-28 de junho, p. 1-17).
- OLSON, D. R. (1977) From utterance to text: the bias of language in speech and writing. **Harward Educational Review**, v. 47, n. 3, August/77, p. 257-281.
- PÊCHEUX, M. (1988) **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas (SP): Ed. da UNICAMP.
- _____. (1990a) Análise automática do discurso. In: GADET, F. & HAK, T. (orgs.) **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas (SP): Ed. da UNICAMP. p. 61-162.

- PÊCHEUX, M. e FUCHS, C. (1990) A propósito da análise automática do discurso (1975). In: GADET, F. e HAK, T. (orgs.) **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas (SP): Ed. da UNICAMP, p. 163-252.
- POSSENTI, S. (1995) O 'eu' no discurso do 'outro' ou a subjetividade mostrada. **Alfa: Revista de Lingüística**. São Paulo, v. 39, p. 45-55.
- _____. (1996) O dado dado e o dado **dado**. In: CASTRO, M.F.P. de (org.) **O método e o dado no estudo da linguagem**. Campinas (SP): Edit. da UNICAMP, p. 195-207.
- RISSE, M. S. (1993) "Agora... o que eu acho é o seguinte": um aspecto da articulação do discurso no português culto falado. In: CASTILHO, A. T. (org.) **Gramática do português falado**. Campinas (SP): Ed. da UNICAMP/FAPESP. p. 31-60.
- SCARPA, E. M. (1995) Sobre o sujeito fluente. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**. Campinas (SP), v. 29, p. 163-184.
- SILVA, A. (1991) **Alfabetização: a escrita espontânea**. São Paulo: Contexto.
- STREET, B. V. (1984) **Literacy in theory and practice**. Cambridge: Cambridge University Press.
- TANNEN, D. (1982) The myth of orality and literacy. In: FRAWLEY, W. (org.) **Linguistics and literacy**. New York: Plenum Press. p. 37-50.
- TFOUNI, L. V. (1994) Perspectivas históricas e a-históricas do letramento. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**. Campinas (SP), v. 26, p. 49-62.
- VACHEK, J. (1989) **Written language revisited**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- VERÓN, E. (1980) **A produção do sentido**. São Paulo: Cultrix/EDUSP.
- VEYNE, P. (1971) **Comment on écrit l'histoire** (suivi de: Foucault révolutionne l'histoire). Paris: Éditions du Seuil.
- _____. (1983) **O inventário das diferenças: história e sociologia**. São Paulo: Brasiliense.
- VYGOTSKY, L. S. (1987) **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes.
- _____. (1988) **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 2ed. São Paulo: Martins Fontes.
- WEINREICH, U.; LABOV, W. E HERZOG, M. I. (1968) Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, W.P. & MALKIEL, Y. (Ed.) **Directions for historical linguistics: a symposium**. Austin & London: University of Texas Press. p. 97-195.